

*Resumo*

Ao explicitar, em *O Guardador de Rebanhos*, a impossibilidade de se atingir o real por meio dos signos, ao mesmo tempo em que se vê na contingência de recorrer a eles para tratar disso, Alberto Caeiro dá corpo a uma poética da negação – de si e do próprio homem. Como ser de linguagem – “símbolo”, diria o norte-americano Charles Sanders Peirce, criador da Semiótica, a teoria dos signos –, só restaria ao homem buscar conhecer o real por meio de uma condição “não humana”. Com o pagão Píndaro – não por acaso o paganismo é a filosofia de *O Guardador de Rebanhos* –, Caeiro poderia afirmar: “Minha alma, não creias na vida eterna / Esgota, porém, o campo do possível”. Esgotada a condição de ser, sua poesia apontaria para a morte. Mas também ela, segundo o filósofo alemão Martin Heidegger, é “um modo de ser que o Dasein assume logo que é”. Fica a negação caeiriana.

\*\*\*

À primeira vista, causa estranheza tratar de Alberto Caeiro em uma mesa como esta, denominada “De tanto ser só tenho alma”. Não é difícil compreender o porquê. Nada mais avesso a Caeiro do que a ideia que está por trás de “ser”. Nada mais avesso a Caeiro do que o conceito de alma. E, mais do que isso, nada mais avesso a Caeiro do que a reflexão: “Pensar é estar doente”, “O mundo não se fez para pensarmos nele” – diz o poeta, como se sabe, em sua principal obra, *O Guardador de Rebanhos*.

Isto posto, é preciso deixar claro, desde logo, que estamos aqui numa atitude anticaeiriana; o que vale dizer que estamos nos havendo com um impasse que é, ao mesmo tempo, filosófico e exegético, ambos, por sua vez, decorrentes do impasse poético originado pela produção do “Argonauta das sensações verdadeiras”, como se autoproclamava Alberto Caeiro. Produção, claro, como é sabido, que se restringiu à poesia, diferentemente de outros heterônimos, que escreveram textos de natureza crítica – afinal, seria uma incoerência se Caeiro houvesse tratado das questões que expôs em seus versos também do ponto de vista ensaístico.

Não pensar, não ser: eis a verdadeira natureza de Alberto Caeiro e de sua obra, uma poética marcada pelo signo da negação.

Está longe de ser mero acaso que *O Guardador de Rebanhos* se inicie por uma negativa: “Eu nunca guardei rebanhos”. Tampouco que o poeta diga, a certa altura, já próximo do final da obra (no poema XLVI), que deseja se despir do que aprendeu, desembrulhar-se e ser ele, sim, mas não Alberto Caeiro. E o que significa “ser eu, não Alberto Caeiro”, como diz o verso de *O Guardador de Rebanhos*? Com certeza mais do que “um animal humano que a Natureza produziu , até porque, como ele escreveu, a “Natureza não existe”. Trata-se, assim, de um animal criado pelas sensações – “Sou o Argonauta das sensações verdadeiras” –, ou seja, um animal sensacionista, “nem sequer homem”, como está explícito no mesmo poema, de número XLVI.

Antes de nos determos no ponto crucial de como esta negação de identidade irá se “resolver” (digo, “resolver” entre aspas), vejamos o outro polo da questão – aquilo que chamo de negativa exegética. Como analisar uma poesia que, apesar de seu caráter metalinguístico, rejeita a análise, a reflexão? (Nisto consiste sua metalinguagem). Toda a crítica, em se tratando de Caeiro,

pareceria assim, como tem sido apontado em diversos estudos, destinada ao fracasso.

Alberto Caeiro, no entanto, não fechou a porta aos que, como nós, quisessem se debruçar sobre seu trabalho, escrevendo, no segundo verso de *O Guardador de Rebanhos*: “Mas é como se os guardasse”.

“Mas é como se os guardasse”.

Construiu-se, dessa maneira, toda uma poética da negação.

E no que consistiria a essência desta negatividade caeiriana? No fato de que toda a poesia de Alberto Caeiro se baseia no questionamento da capacidade de o homem atingir o real por meio da ferramenta que a “natureza humana” lhe legou: a linguagem.

Se lembramos, com Roland Barthes, que

“desde os tempos antigos até as tentativas de vanguarda, a literatura se afaina na representação do real. O real não é representável e é porque os homens querem constantemente representá-lo por palavras que há uma história da literatura”,

nada haveria de particular na obra caeiriana. A questão, a propósito, já preocupava os estoicos – que acreditavam que a verdade não estava nas sensações, como atestavam os epicuristas, nem nas proposições, como se tira de Aristóteles, e sim na representação – e surge por inteiro no *Crátilo*, de Platão (de Nietzsche, nem é necessário mencionar o eco que fazia do estoicismo). Afinal, as coisas são o nome que têm? O importante a ressaltar aqui é que o que vai distinguir a produção de Caeiro é a forma como ele se lança à empreitada de desmistificar a possibilidade de o homem atingir o real, de pôr em xeque a

capacidade da linguagem intermediar com sucesso o encontro do homem com o real.

N’*O Guardador de Rebanhos* a questão do real surge a partir de seu caráter sensacionista, por um lado (em um vasto arco de diálogo filosófico, que passa inclusive por Locke), e, de outro, em sua operação demolidora daquela ideia de que seria possível algo representar alguma coisa – da esfera do chamado real – para alguém. O que, no fundo, é um problema de significação, um problema semiótico.

(Um parêntesis. Claro que, antes de tudo, há que se considerar a própria origem de Alberto Caeiro, ou, melhor ainda, do próprio processo heteronímico – a “coterie inexistente” –, já sendo, ele mesmo, um modo especial de Pessoa, metalinguística e paradoxalmente, enfrentar o impasse. Cada uma das criaturas, mas sobretudo o autor de *O Guardador de Rebanhos*, apresenta sua suposta solução para o desafio da representação do irrepresentável real).

Se Ricardo Reis e Álvaro de Campos eram os discípulos de Caeiro, conforme afirmou Pessoa num texto escrito em 1930 para servir de prefácio a uma planejada edição de suas obras, António Mora era o seu “continuador filosófico”. Dos textos críticos de Reis e Campos sobre Alberto Caeiro pode-se chegar à classificação do autor de *O Guardador de Rebanhos* como poeta sensacionista. E de Mora, à sua condição de constituir não um mero pagão, mas o próprio paganismo, como bem observou Campos. O paganismo, vale lembrar, é o suporte filosófico do sensacionismo. Para um pagão, cada objeto é dono de uma “realidade imediata” – atingi-la, sem intermediários, significaria experimentar as tais “sensações verdadeiras”; dito de outra forma, com está num verso *d’O Guardador*, tornar-se “o homem primitivo/Que via o Sol nascer e ainda não o adorava” (XXVIII).

Há, portanto, em Caeiro, um desejo de retorno à origem quando ele aspira ser este homem primitivo, que corresponderia a ser, frisemos, o “Argonauta das sensações verdadeiras”, alguém que, em termos da semiótica de Charles Sanders Peirce, estaria na Primeiridade, em um estado de sensação, qualidade de sensação. O que corresponderia, conforme já dissemos, ao estágio do “nem sequer homem” (como se lê no poema XLVI), admitindo-se, assim, mais adiante “nem sequer poeta”. Ora, a simples afirmação disso não faria com que Caeiro atingisse tal frequência existencial. Mas não há aqui, ao contrário do que se poderia supor, nenhuma contradição: se escrevo, por contingência, e nessa escrita digo que através da palavra nunca atingirei o real, mostro concretamente que isso está ocorrendo. Há, assim, uma metalinguagem elevada ao quadrado, uma metalinguagem que fala e demonstra. É isso que permite dar corpo à exegese dessa poesia, colando “as ideias às palavras”, como queria Caeiro: ao analisar uma poética que recusa a análise, posso pensar que demonstro seu caráter inanalísável.

O que significa ser “nem sequer homem”? Claro está que Caeiro vislumbra uma existência fora dessa condição congênita do homem, um ser de linguagem, como dizia Peirce, pois, conforme assinalou Merleau-Ponty, “a linguagem (o signo) é o nosso elemento, como a água é o elemento dos peixes”. Tal existência se constituiria utópica, por ser, na realidade, uma “não-existência”. Quando diz “eu nem sequer sou poeta: vejo”, Caeiro mergulha na contradição de que vê quando escreve, portanto, não vê nunca. Peirce mesmo admite que é rara a qualidade de “ver o que está diante dos olhos”. Ao ser de linguagem, só restaria isso fora da linguagem, o que é uma impossibilidade. Não bastaria, pois, o silêncio; a não ser o silêncio total: a morte, aqui entendida como a ausência de representação. Por isso Caeiro morre aos 26 anos, para, negando a vida, eliminar a distância do homem para

com o real. Por isso anuncia, no fim de *O Guardador de Rebanhos*, que “da mais alta janela da minha casa/Com um lenço branco digo adeus/ Aos meus versos que partem para a Humanidade, dá “as boas noites”, esperando que “a minha vida seja sempre isto” – a vida dos signos, da linguagem, a vida da morte sígnica, do “como se”.

Esgotada, portanto, a condição de ser, a poesia caeiriana apontaria para a morte – que alguém pode associar à alma, ao espírito, como permanência do pensamento, do “eu existo”.

Martin Heidegger procurava pensar o que separaria o homem dos outros entes e por isso cunhou a expressão Dasein, o ser-aí, quer dizer, o ser do existente humano enquanto existência concreta, singular. A essência do Dasein residiria em sua existência, quer dizer, no fato de ser originariamente ser-no-mundo, uma existência concreta, ôntica – para além da ontológica.

Pois bem, diz Heidegger em *Ser e Tempo*: “O Dasein, do mesmo modo que enquanto *é*, já *é* constantemente o seu ainda-não, já *é* sempre também o seu final. O findar que *é* pensado com a morte não significa um ter-chegado-ao-final do Dasein, mas um *ser-para-o-final* desse ente. A morte *é* um modo de ser que o Dasein assume logo que *é*”.

É assim que a negação de Alberto Caeiro se afirma: ao se voltar para a morte, que, na medida heideggeriana, *é* apenas um elemento do ser. A morte, também ela, como linguagem, ainda que seja linguagem da não-linguagem. Repitamos: do “como se”.